

ISSN 0101 - 3335

# LETRAS DE HOJE

Nº 141

SETEMBRO DE 2005



**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**  
Curso de Pós-Graduação em Letras



# LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS – PUCRS

ISSN 0101-3335

## Letras de Hoje

Estudos e debates de assuntos de lingüística,  
literatura e língua portuguesa

### VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM DADOS DO SUL

Organizado por  
Leda Bisol e Maria Tasca

**Chanceler**  
Dom Dedeus Grings

**Reitor**  
Joaquim Clótel

**Vice-Reitor**

Evlázio Teixeira

**Chefe de Gabinete**  
Leonardo Fabbro

**Pró-Reitor de Administração e Finanças**  
Paulo Roberto Girardello Franco

**Pró-Reitor Adjunto de Administração e Finanças**  
João Dornelles Junior

**Pró-Reitora de Assuntos Comunitários**  
Jacqueline Poersch Moreira

**Pró-Reitora de Graduação**  
Solange Medina Ketzler

**Pró-Reitor Adjunto de Graduação**  
Assis Pedro Perin Piccini

**Pró-Reitor de Extensão Universitária**  
Roberto Astor Moschetti

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**  
Jorge Luis Nicolas Audy

**Diretora da Faculdade de Letras**  
Mária Eurídice Moreira

**Diretor da Revista**  
Elvo Clemente

**Conselho Editorial  
para Assuntos Lingüísticos**  
José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral,  
Lecl Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,  
Leda T. Martins, Carmem Lucia M. Hernandezrena

**Conselho Editorial  
para Assuntos Literários**  
Gilberto Mendonça Teiles, Regina Zilberman,  
Patrona Dominguez de Rodriguez Pasquás,  
Urbano Zilles, Maria Eurídice Moreira,  
Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas  
devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Preços para o ano de 2005  
Assinatura anual:

Brasil .....	R\$	38,00
Exterior .....	US\$	34,00
Número avulso .....	R\$	14,00

Forma de pagamento:

Cheque nominal para  
EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 – Porto Alegre-RS, Brasil  
Fone/Fax: (51) 3320.3523  
E-mail: edipucrs@pucrs.br  
<http://www.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação  
devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje  
Pós-Graduação em Letras – PUCRS  
A/c Prof. Elvo Clemente  
Caixa Postal 1429  
90619-900 Porto Alegre-RS, Brasil

A revista aceita permutas.  
On demande échange.  
We ask for exchange.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos,  
mesmo que não sejam utilizados.

Impressão:  
EPECÊ

Composição:  
SULIANI

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras,  
PUCRS, -n. 1 (out. 1967)-, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967-  
v.: 22 cm  
Trimestral.  
ISSN 0101-3335  
1. Lingüística – Periódicos 2. Literatura – Periódicos  
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405  
805  
CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índices para Catálogo Sistemático  
Lingüística: Periódicos 80(05)  
Literatura: Periódicos 82(89 05)  
Periódicos: Lingüística 06(80)  
Periódicos: Literatura 05 82(89)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PUCRS

Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 40, n.º 3, p. 1-184, setembro, 2005

## Sumário

Apresentação <i>Leda Bisol e Maria Tasca</i>	5
Ressilabação da lateral pós-vocálica final e sua limitação prosódica <i>Gisela Collischonn e Cristine Ferreira Costa</i>	7
A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil <i>Cláudia Regina Brescancini e Cláudia Soares Barbosa</i>	39
A forma e o uso dos prefixos PRÉ- e PÓS- no português falado no sul do Brasil <i>Luiz Carlos Schwindt</i>	57
Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre <i>Elisa Battisti</i>	73
Os ditongos do latim ao português <i>Laura Rosane Quednau</i>	89
Ditongos variáveis no sul do Brasil <i>Marisa Porto do Amaral</i>	101
O estudo da mudança de som no registro escrito: <i>Valéria N. de Oliveira Monaretto</i>	117
A inserção de glide em sílaba travada por /S/ <i>Maria Tasca</i>	137
O clítico e seu hospedeiro <i>Leda Bisol</i>	163

## Apresentação

Leda Bisol e Maria Tasca  
Organizadoras

O grupo de pesquisa de variação fonológica, ligado ao projeto VAR-SUL e coordenado por Leda Bisol, que vem descrevendo dados do português do Sul do Brasil, apresenta, neste volume, o resultado de suas pesquisas em andamento nos últimos dois anos.

Trata-se de um conjunto de nove artigos que dizem respeito a diferentes temas, assim distribuídos:

Gisela Collischonn e Cristine Ferreira Costa discutem a ressilabação da lateral à luz da teoria prosódica;

Cláudia Regina Brescancini e Cláudia Soares Barbosa examinam o processo sincrônico de elisão da vogal /e/ em fronteira de palavra;

Luiz Carlos Schwindt estuda o status prosódico e morfológico dos prefixos *pré-* e *pós-* e suas variantes;

Elisa Battisti detém-se na haplologia como regra variável restringindo os dados às sílabas com /t/ e /d/;

Laura Quednau observa a evolução dos ditongos e sua redução na passagem do latim ao português;

Marisa do Amaral estuda a monotongação de ditongos decrescentes;

Valéria Monaretto apresenta um estudo de variação e mudança fonológica no português escrito antigo;

Maria Tasca descreve a formação de ditongo em sílabas travadas por /s/;

Leda Bisol discute o papel do grupo clítico na fonologia do português brasileiro.

Os trabalhos apresentados são fruto de discussões realizadas em encontros quinzenais e representam a segunda fase do Projeto cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, sob o nome de Aspectos Fonológicos do Português.

# Ressilabação da lateral pós-vocálica final e sua limitação prosódica\*

Gisela Collischonn  
UFRGS

Cristine Ferreira Costa  
UFRGS – doutoranda



**Resumo:** Pesquisas a respeito da realização variável da lateral no português brasileiro indicam que, quando em final de palavra, é possível ocorrer a rersilabação, p. ex. *anima.[]jera...* A nossa hipótese é que fenômenos de rersilabação, bem como outros fenômenos de sândi, são restritos à posição interna de um constituinte, tal como a frase fonológica, ou a frase entoacional. Buscamos verificar, através da análise de dados de fala (Banco VARSUL), se a rersilabação da lateral está limitada a algum constituinte da hierarquia prosódica proposta em Nespor e Vogel (1986). Nossos resultados apontam para uma tendência inequívoca de a rersilabação aplicar-se dentro de frases fonológicas. A rersilabação também se aplica através de fronteiras de frases fonológicas mas é desfavorecida através de frases entoacionais.  
**Palavras chave:** Rersilabação. Vocalização. Frase fonológica.

**Abstract:** Variable rule researches about /l/ vocalization in Brazilian Portuguese show that, when word final, /l/ may be resyllabified, as in *anima.[]jera...* ('the animal was'). Our hypothesis is that resyllabification phenomena are, like other sandhi phenomena, constrained by prosodic constituents like the phonological phrase and the intonational phrase. Spoken language data (from VARSUL data bank) are analyzed in order to verify if resyllabification is bounded by the constituents of prosodic hierarchy proposed by Nespor and Vogel (1986). Our results show that there is a clear tendency for resyllabification to apply within phonological phrases. Application across phonological phrase edges is also attested. Statistical results show, however, that across intonational phrases is a disfavoured environment for resyllabification.

**Key words:** Resyllabification. Vocalization. Phonological phrase.

\* Versão anterior desta análise foi publicada em *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 2, n. 2, 2003. Agradecemos a todos os membros do Grupo de Pesquisa de Fonologia e Variação que fizeram leituras e contribuíram com comentários ao texto. As falhas são exclusivamente responsabilidade nossa.

## 1 Introdução

No português brasileiro, laterais em coda são realizadas variavelmente como [l], [ɫ] ou [w]. Dados dialetológicos e sociolinguísticos mostram que a variação depende tanto de variáveis linguísticas quanto de variáveis sociais. Em geral, interpreta-se que as três variantes representam três estágios derivacionais distintos.

Essa perspectiva encontra suporte no fato de que foi constatada em diversos trabalhos uma mudança em curso, sendo que os dialetos mais avançados nesta mudança são aqueles que apresentam predominantemente a variante [w].<sup>1</sup> A justificativa para tal interpretação de mudança é evidente:

- (i) regiões, como as de centros urbanos que se mostram inovadoras também quanto a outras variáveis sociolinguísticas, apresentam a variante [w] mais frequentemente do que as outras regiões, mais periféricas;
- (ii) em geral, em todos os dialetos, são os falantes mais velhos que apresentam com mais frequência as variantes [l] e [ɫ].

Embora nos dias atuais a vocalização do /l/ possa ser considerada uma característica do português brasileiro em comparação com o português europeu, o fenômeno é muito antigo. Há registros de velarização e vocalização da lateral no latim (Schein e Steriade, 1986, Leite, Callou e Moraes, 2003, p.234) e na evolução de línguas românicas, especialmente no francês.

Não sabemos o que desencadeou no português brasileiro o avanço da vocalização nem quando se iniciou a sua implementação. São questões que no futuro, quem sabe, possam ser respondidas, a partir de resultados acumulados de pesquisas variacionistas e dialetológicas ou de registros escritos de séculos passados.

Outra área da qual podemos retirar evidências da mudança em relação ao fenômeno de vocalização é da rima na poesia e na canção. Não se encontram, por exemplo, rimas entre palavras com /l/ final e palavras com ditongo terminado em [w] em Gonçalves Dias e também não em Manuel Bandeira. Neste último, palavras como *mel* rimam com *Isabel*, *revel* e *fel*, mas não com *céu*. Já em compositores mais recentes, encontramos essa rima, a exemplo dos versos *Abelha fazendo mel/Vale o tempo que não voou/A estrela caiu do céu/O pedido que se pensou da canção Amor de índio* de Beto Guedes

e Ronaldo Bastos.<sup>2</sup> Porém, mesmo entre os compositores contemporâneos, essas rimas não são muito frequentes. Em Chico Buarque, por exemplo, encontramos a rima entre *céu* e *papel* e entre *arranha-céu* e *hotel* na canção *Beatriz*, bem como entre *Brasil* e *caiu*, em *Bye bye, Brasil*, e entre *azul* e *fou*, em *A História de Lily Braun*, mas estes casos representam apenas 5% das canções.<sup>3</sup> Outros compositores mais antigos, como Braguinha e Noel Rosa, cuja produção se concentra na primeira metade do século passado, não apresentam rimas desse tipo.<sup>4</sup> Esses levantamentos sugerem que o predomínio da vocalização em variedades como a do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte é relativamente recente, podendo ser identificado mais claramente a partir da segunda metade do século passado.

Alternâncias sincrônicas, como as que apresentamos abaixo, permitem postular a lateral alveolar na forma subjacente dessas variantes.

(1) papel [ɫ]~[w]	papelada [l]
azul	azulado
sol	solaço
fuzil	fuzilar
sal	saleiro
nível	nivelar

Nos morfemas lexicais encontrados nas formas acima, um mesmo segmento encontra-se ora em coda ora em ataque e, a cada posição, correspondem realizações alofônicas diferentes. Se o segmento encontrado em ataque é tomado como aquele que reflete a representação subjacente, fica fácil explicar como a forma em coda foi derivada via processo de lenição (v. abaixo). A derivação contrária /ɫ/ → [l] ou /w/ → [l] em ataque de sílaba, i.e., um processo de fortalecimento, parece não ser natural, nas línguas do mundo.

Para laterais pós-vocálicas internas aos morfemas, como em *calmo*, por exemplo, nós não temos o mesmo tipo de evidência, uma vez que a lateral nunca alterna da posição de coda para a posição de ataque; entretanto, o fato de que há variedades que apresentam a variante lateral alveolar em palavras como essa (ver seção seguinte) pode ser considerado evidência de que a forma subjacente é /l/.<sup>5</sup>

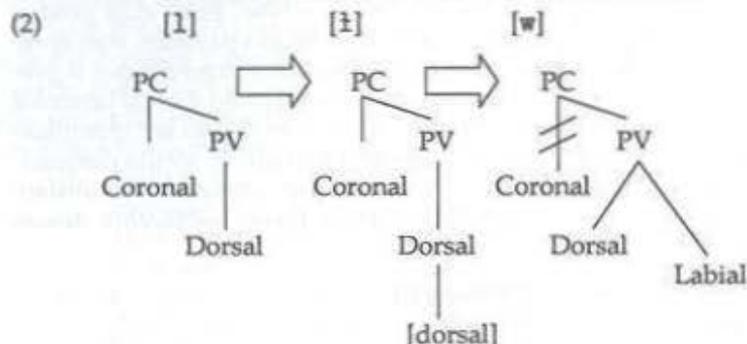
<sup>2</sup> CHEDIAK, J. *As 101 melhores canções do século XX*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2004.

<sup>3</sup> CHEDIAK, A. *Songbook Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1999.

<sup>4</sup> CHEDIAK, A. *Songbook Noel Rosa*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1991; CHEDIAK, A. *Songbook Braguinha*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2002.

<sup>5</sup> Há outras correspondências na língua, registradas na escrita, como *céu-celeste* que, entretanto, não podem ser relacionadas ao fenômeno em estudo, pois são entendidos como resultantes da queda do l intervocálico.

As duas regras, RF1 e RF2, podem ser interpretadas como regras de lenição, isto é, regras que resultam em menor esforço articulatorio. Elas podem ser representadas como processos de associação e desassociação de traços, como ilustramos abaixo. A representação repousa na perspectiva de Walsh (1997), segundo a qual todo segmento lateral tem dupla articulação coronal-dorsal.



Tanto a lateral alveolar quanto a lateral velarizada têm um nó primário Coronal e um nó secundário Dorsal. A lateral velarizada, entretanto, tem ainda um traço [dorsal] ligado ao nó Dorsal, que reforça a articulação dorsal deste tipo de segmento. A vocalização consiste na perda do nó Coronal e, conseqüentemente, na perda da lateralidade, já que, para Walsh (1997), o que caracteriza um segmento lateral em relação a segmentos não-laterais é exatamente esta dupla articulação Coronal e Dorsal. Dessa forma, fica ressaltado que a mudança em questão é resultante de fenômenos foneticamente naturais.

Em geral, considera-se que, na fala contínua, os /l/s em final de palavra são rressilabados como ataques de sílaba, quando a palavra seguinte for iniciada por vogal. Neste caso, a lateral não é velarizada. Vejamos alguns exemplos:

- (3) O Brasi[l a]umentou... \*[ɭa]  
 ...pessoa[lã]ntigo... \*[ɭã]  
 ...futebo[lo]u vôlei... \*[ɭo]

A interpretação de Quednau (1993) é a seguinte: a velarização ou vocalização é pós-lexical. Uma vez que rressilabação ocorre primeiro no componente pós-lexical, ela sangra velarização/vocalização, ou seja, ela retira o contexto de aplicação, ao transformar um segmento em coda num segmento em ataque, conforme representamos abaixo.

- |                                   |                 |
|-----------------------------------|-----------------|
| (4) Saída do componente lexical   | a.ni.mal        |
| Entrada do componente pós-lexical | a.ni.mal # ɛ.ra |
| Ressilabação                      | a.ni.ma.le.ra   |
| Velarização/vocalização           | —               |
| Saída do componente pós-lexical   | a.ni.ma.le.ra   |

No entanto, Quednau nota que há realizações com vocalização neste contexto para determinados falantes, o que leva a autora a concluir que esses tenham a vocalização como regra que se aplica no componente lexical.

Embora no entender de Quednau (1993) a vocalização não tenha um status claramente pós-lexical, os resultados parecem indicar um comportamento da regra parecido com o da velarização. Quednau (1993) observa a seguinte realidade em fronteira de palavra, na variedade de Porto Alegre, que apresenta alto índice de vocalização da lateral:

- antes de outra consoante (*tal lugar*), o índice de vocalização é alto, de 0,65;
- antes de pausa (*sul#*), o índice de vocalização é médio para alto, de 0,57;
- antes de vogal (*carnaval é, mal uma*) o índice cai para 0,22.

No contexto em que a rressilabação é possível, isto é, o contexto (c), parece que a regra tende a aplicar-se, esvaziando a chance de vocalização. Ou seja, a possibilidade de rressilabação de uma lateral como ataque da sílaba inicial da palavra correlaciona-se inversamente com a probabilidade de vocalização dessa lateral.

É lícito, então, concluir que a vocalização tem seu momento de aplicação depois do da rressilabação. No componente pós-lexical, primeiro aplica-se a rressilabação, quando possível; uma vez que a lateral passa da posição de coda para a de ataque de sílaba, o contexto para a vocalização não mais se encontra e assim ela não poderá aplicar-se. Isso explica por que o índice de vocalização é baixo antes de palavras iniciadas em vogal.

Mesmo assim, observa-se ocorrência de vocalização nesses contextos; o índice é baixo mas não está próximo do zero. Isso pode ter duas explicações: (i) a vocalização é um fenômeno opcional (ou seja, pode ocorrer ou não, de forma mais ou menos aleatória, num determinado espaço, digamos, de 0 a 30%); ou (ii) a rressilabação, da qual a vocalização depende, não ocorre sempre, porque determinadas condições para sua aplicação podem não estar sendo satisfeitas. A nossa hipótese de trabalho é a segunda, pois entendemos que a rressilabação depende não somente da satisfação da condição estrutural

tural /...l#V.../ (isto é, lateral em coda seguida de vogal), mas também de outras condições que se referem às fronteiras de domínios prosódicos. Quando as condições para a ressilabação estiverem sendo satisfeitas, ela se aplicará de forma quase categórica, bloqueando a vocalização. Quando entretanto, a ressilabação não for possível, a vocalização será mais freqüente.

Segundo Nespore e Vogel (1986), para cada língua em particular, há um domínio frasal definido no qual a ressilabação pode se aplicar.<sup>6</sup> Assim, é importante verificarmos em que domínios a ressilabação é possível em língua portuguesa, para verificarmos se há correlação entre os casos de vocalização e as possibilidades de ressilabação.

Bisol (1999) aponta evidências de que a ressilabação não está limitada ao contexto interno de frase fonológica, no português do Brasil.

- (5) ...para da[re]sclarecimentos sobre mercados de capitais (D2-RJ355:12)  
...mas faze[ru]ma análise (EF-RE 337:359)  
...fi[zo]strês anos de científico no mesmo colégio (DID-SA 231: 31)

(cf. Bisol, 1999, p. 722)

Brescancini (2002) apresenta dados da variedade do português de Florianópolis que sugerem que uma fricativa final pode ser ressilabada através de fronteiras de domínios maiores. Além disso, em estudo com seis informantes de São Paulo, Tenani (2002) observou que a ressilabação de /r/ e /s/ não foi bloqueada por fronteiras prosódicas mais altas.

Também para o sândi vocálico o domínio máximo de aplicação parece ser maior do que a frase fonológica (ver Bisol, 2001, p. 240-241, entre outros). Tenani (2002) verificou que a haplogogia não é bloqueada por nenhum tipo de fronteira prosódica no PB, embora constata-se que a freqüência de aplicação é maior no interior de constituintes como a frase fonológica ou a frase entoacional.

Como nenhum dos estudos anteriores abordou as diferenças entre fronteiras de palavra prosódica, de frase fonológica e de constituintes prosódicos maiores e os seus reflexos sobre a possibilidade de ressilabação do /l/, o presente estudo pretende verificar precisamente essa questão, com o propósito de testar até que ponto a

<sup>6</sup> Há três maneiras pelas quais as regras podem fazer referência a esses constituintes: (a) regras podem ser limitadas por um domínio particular, ou seja, a regra somente pode aplicar-se se os elementos em sua descrição estrutural aparecerem dentro do mesmo domínio; (b) regras somente se aplicam a elementos nas bordas de um domínio particular; (c) regras podem referir-se à junção de dois domínios dentro de um domínio maior.

realização da lateral em final de palavra é um fenômeno variável ou até que ponto é um fenômeno categórico ou próximo do categórico, dependente da adequada definição dos contextos que admitem a ressilabação. Nas seções 3 e 4, apresentamos com maior clareza os pressupostos que norteiam a nossa análise.

Para que possam ser verificadas essas questões, faz-se necessário, neste primeiro momento, evitar uma análise que envolva muitas variáveis extralingüísticas. Escolhemos a amostra de Porto Alegre porque é a variedade que apresenta maior taxa de vocalização. Como nos interessa precisamente verificar quando falantes que, via de regra, vocalizam a lateral final podem manter a variante alveolar, justifica-se a concentração nessa variedade. Pelo mesmo motivo, restringimo-nos ao grupo de informantes do terceiro grau dessa amostra.

Apresentamos, na seção seguinte estudos de cunho sociolingüístico que abordaram o fenômeno de realização variável do /l/ no português do sul do Brasil; assim, embora o nosso estudo se concentre em apenas uma amostra do português do sul do Brasil, a de Porto Alegre, é possível ao leitor situar essa variedade entre as demais variedades da região no que se refere à realização da lateral pós-vocálica.

Na seção 3, apresentamos os pressupostos da fonologia prosódica, definindo quais serão os critérios para postulação dos constituintes prosódicos em nossa análise. Na seção 4 apresentamos as hipóteses que norteiam a pesquisa e na seção 5 apresenta-se um estudo piloto, realizado com 12 informantes apenas. Posteriormente, pretende-se aumentar o número de informantes, abarcando toda a amostra de 24 informantes.

## 2 A realização da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil

A pesquisa variacionista sobre as variedades do português do sul do Brasil já produziu um conjunto considerável de trabalhos. Na seção seguinte, trataremos dos estudos de caráter variacionista e, na subseqüente, dos estudos dialetológicos que trataram da questão.

### 2.1 Estudos sociolingüísticos

Em Leite, Callou e Moraes (2003) é relatado um estudo comparativo da vocalização da lateral nas cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (dados do Projeto NURC). Segundo esse estudo, a cidade de Porto Alegre apresentou as variantes velarizada e alveolar, ao lado da variante vocalizada. Nas demais cidades, há predominantemente a vocalização da lateral em coda.

(6)

Década de 70	Posição interna			Posição final		
	Oco	%	P.R.	Oco	%	P.R.
RJ	249/278	90	0,90	209/226	92	0,93
SP	250/290	86	0,87	237/242	98	0,94
RE	226/253	89	0,90	313/323	97	0,97
SSA	207/288	72	0,72	240/254	91	0,91
POA	116/215	54	0,54	138/255	54	0,55

Tabela 1: vocalização em posição interna e final (frequência e peso relativo), retirada de Leite, Callou e Moraes (2003, p. 235).<sup>7</sup>

O corpus desse estudo foi coletado na década de 70. Desse período até os dias atuais, houve um aumento significativo da produção da semivogal em Porto Alegre. Pesquisas recentes mostram que a vocalização é praticamente categórica na capital gaúcha mas mostram também que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são registradas em outras cidades do sul do país.

Dentre essas pesquisas recentes, destacamos o trabalho de Quednau (1993), o trabalho de Tasca (1999), e o trabalho de Espiga (2001).

Quednau (1993) utiliza em sua análise amostras do português falado da metrópole gaúcha, das regiões colonizadas por descendentes italianos e alemães, e da região de fronteira com o Uruguai; mais especificamente, amostras das cidades de Porto Alegre (capital do RS), Taquara (colonizada por alemães), Monte Bérico (Distrito da cidade de Veranópolis) e Santana do Livramento (região de fronteira com a Língua Espanhola). Tasca (1999) analisa a preservação da lateral pós-vocálica nas cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha (colonizada por italianos), Panambi (colonizada por alemães) e São Borja (região de fronteira).<sup>8</sup> Espiga (2001) focalizou o estudo da lateral pós-vocálica na região de Campos Neutrais que abrange as comunidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar (região de fronteira com Uruguai). Nesses estudos, variáveis sociais e lingüísticas mostraram-se significativas para análise das diferentes realizações de /l/. Apresentamos resumidamente os resultados dessas pesquisas.

<sup>7</sup> Os resultados referem-se a rodadas separadas para cada cidade.

<sup>8</sup> Embora tanto Quednau quanto Tasca utilizem entrevistas do Banco Varsul, a amostra de Quednau foi coletada em período anterior ao da amostra considerada por Tasca.

Tanto no estudo de Quednau quanto no de Tasca, a variável social *etnia* preponderou sobre as demais. Conforme os resultados de Quednau, na região metropolitana, a probabilidade do uso de [w] por [ɹ] é de 91%, o que equivale a um peso relativo de 0,95. Nas regiões colonizadas por alemães e italianos e na região de fronteira, o peso relativo cai para aproximadamente 0,30. Para a autora, a vocalização de /l/ pós-vocálico na região metropolitana é quase categórica, ao passo que, nas outras regiões, a lateral velarizada é ainda bastante preservada. Tasca observou que a preservação da lateral alveolar [l] em coda silábica nas cidades de Panambi e Flores da Cunha é maior que o uso da lateral velarizada. Em Panambi, o índice de preservação da lateral alveolar é de 0,76. Já em Flores da Cunha, esse índice é de 0,63. Nestas localidades, a autora não registrou o uso da variante [w], amplamente usada na capital.

Espiga identificou na região de Campos Neutrais a predominância da realização alveolar para a lateral. No entanto, ao considerar as variantes [ɹ] e [l\*] juntas, Espiga observa que [l] deixa de ser predominante, o que indica para o autor um caso de mudança em progresso. A variável social mais significativa neste estudo foi relativa à faixa etária. Conforme o autor, a preservação tem um peso relativo de 0,79 na fala de informantes com mais de 50 anos. Os mais jovens produzem mais a forma inovadora, ou seja, a variante labializada.

Variáveis lingüísticas também mostraram-se significativas para análise do fenômeno em questão. Quednau constatou como favorecedoras do processo de vocalização de /l/ pós-vocálico o acento, o contexto fonético precedente, o contexto fonético seguinte e a posição da lateral no vocábulo. A análise estatística apontou as sílabas tônicas (*animal*) e pré-tônicas (*acalmar*) como favorecedoras do processo de vocalização (pesos relativos de 0,67 e 0,60 respectivamente). Com relação ao contexto fonético precedente, favorecem a vocalização as vogais médias anteriores e as vogais médias e baixas posteriores, [ø], [ɛ] (peso relativo de 0,66) e [a], [o], [ɔ] (peso de 0,55). Já quanto ao contexto fonético seguinte, há mais probabilidade de a lateral vocalizar-se quando o segmento seguinte é uma consoante palatal, velar ou alveolar (peso relativo em torno de 0,65). Em fronteira de palavra, quando à lateral segue-se uma outra lateral ou uma pausa, a vocalização também é favorecida (peso relativo em torno de 0,60). Contudo, quando à lateral em fronteira segue-se um segmento vocálico, a taxa de vocalização é bastante baixa em relação às consoantes: o peso relativo é de apenas 0,22.

No estudo de Tasca, mostrou-se significativo o acento e a posição da lateral na palavra. Em sílaba tônica, a preservação da lateral alveolar atinge um peso relativo neutro de 0,51. Já em sílaba átona, o peso relativo cai para 0,35. Quanto à posição da lateral, em palavras compostas ou derivadas pelos sufixos *-mente* e *-zinho* o peso relativo de preservação da lateral alveolar é de 0,41. Em posição final (fronteira de palavra) ou interior de palavra o peso relativo aumenta para 0,59.

Espiga constatou que a retenção da lateral alveolar em Chuí é favorecida pela posição: na fronteira de palavra seguida de uma vogal, a preservação de [l] tem um peso relativo de 0,77, devido à possibilidade de rersilabação. Em interior de vocábulos, o peso relativo baixa para 0,57. Em posição final seguida de consoante, o peso é de 0,45 e em posição final seguida de pausa a preservação é desfavorecida, pois o índice de retenção baixa para um peso relativo de 0,33.

Em síntese, podemos deduzir desses três trabalhos que, em regiões colonizadas por italianos e alemães e em regiões de fronteira, ainda há produção significativa do segmento lateral em coda silábica, seja a forma alveolar, seja a velarizada. No entanto, na região metropolitana, o índice de vocalização é significativamente alto (peso relativo de 0,95), o que nos leva a concluir que, em Porto Alegre, esta regra tem praticamente 100% de aplicabilidade. Por essa razão, analisamos neste artigo a amostra de Porto Alegre porque é a variedade que apresenta a maior taxa de vocalização.

Com relação às variáveis lingüísticas, destacamos o papel do contexto seguinte à lateral pós-vocálica. Como visto, a lateral alveolar é preservada quando a palavra seguinte inicia por um segmento vocálico. Nesse contexto, segundo Quednau, há baixo índice de vocalização, mesmo em Porto Alegre, onde a aplicação da regra é bastante alta. Portanto, a possibilidade de rersilabação de uma lateral como ataque da sílaba inicial da palavra seguinte parece explicar a não-vocalização dessa lateral.

## 2.2 A descrição dialetológica

As diferentes realizações da lateral pós-vocálica também são descritas no Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). A partir de questionários específicos<sup>9</sup>, os dados foram coletados de diversos pontos da Região Sul do Brasil, abrangendo os estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

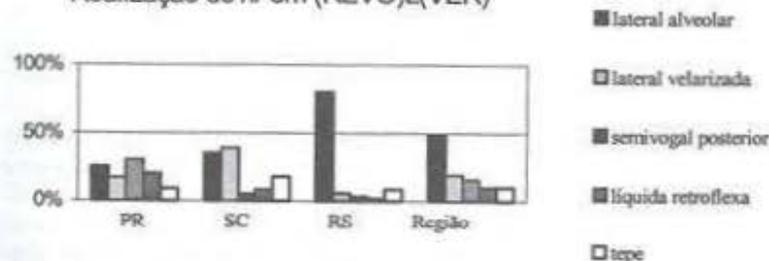
Conforme os mapas etnográficos do ALERS, no estado do Rio Grande do Sul há forte preservação da variante alveolar em coda

silábica. Essa variante, no entanto, começa a enfraquecer-se na medida em que avançamos na direção norte do Brasil: no estado de Santa Catarina, a lateral alveolar é consideravelmente substituída por outras variantes, principalmente pela lateral velarizada. Já no estado do Paraná, há pontos escassos de preservação da variante alveolar. Nessa região, a lateral pós-vocálica é geralmente substituída ou pela lateral velarizada, ou pela semivogal posterior, ou ainda pelas líquidas róticas, como o *tepe* e a retroflexa.

Segundo os dados do ALERS (p.131), as variantes da lateral pós-vocálica considerando um termo como "revólver", por exemplo, têm a seguinte distribuição:

(7)

Realização de /l/ em (REVÓ)l(VER)



O gráfico acima nos mostra que no estado do Paraná (PR) todas as variantes coocorrem, tendo em vista a pouca diferença de percentual entre uma e outra. O Paraná é o estado que está na fronteira das regiões Sul e Sudoeste. O alto percentual da variante retroflexa deve-se à fronteira desse estado com o estado de São Paulo. A variante retroflexa é bastante característica da fala paulista.

Em Santa Catarina (SC) as variantes alveolar e velarizada predominam sobre as outras.

No RS, a lateral alveolar ainda é fortemente predominante, embora o índice de vocalização, conforme vimos a partir do trabalho de Quednau (1993), seja quase categórico na cidade de Porto Alegre, capital deste estado. A semivogal, amplamente usada em Porto Alegre, juntamente com outras variantes, como a lateral velarizada e a retroflexa, têm pouca realização nas localidades do interior do RS.

Considerando a região Sul como um todo, embora cada estado tenha suas peculiaridades, ainda assim a variante alveolar sobressai-se sobre as outras. Essa constatação reforça a tese de que o segmento subjacente para a alternância seja mesmo a lateral alveolar, como já dissemos antes.

<sup>9</sup> Fonético-fonológico, Morfológico e Sintático.

### 2.3 A variação na escrita

Tasca (2002) apresenta resultados de um estudo experimental aplicado a alunos de escolas de Porto Alegre, no qual procura levantar a frequência de substituição de 'l' pós-vocálica por 'u' bem como verificar a correlação desta variação na escrita com fatores tais como série escolar, tipo de escola, sexo, entre outros. A coleta de dados foi realizada através de atividades que tiveram como objetivo obter um conjunto de palavras escritas com contexto para lateral pós-vocálica. As ocorrências foram analisadas através do programa VARBRUL.

Os resultados mostram que, no conjunto das escolas estudadas, a frequência de substituição de 'l' por 'u' não é muito alta, em torno de 10%. Os resultados mostram também que a tendência à substituição diminui drasticamente da 2ª para a 4ª série escolar. Alguns exemplos de substituição *cauça* (por *calça*), *funio* (por *funil*), *soudado* (por *soldado*), *aneu* (por *anel*), *revouver* (por *revólver*), *fiume* (por *filme*). Há alguns registros que também podem ser interpretados como de substituição, embora pareçam à primeira vista, casos de apagamento: *muta* (por *multa*), *puseira* (por *pulseira*). Outra observação refere-se à ocorrência de substituição de 'u' por 'l', como em *polco* (por *pouco*) e *olvido* (por *ouvido*), as quais parecem ser consequência da orientação que os alunos recebem sobre a escrita de seqüências com /l/ pós-vocálico, porque apareceram em maior número nas séries mais adiantadas.

### 3 Fundamentação teórica

A análise aqui apresentada está fundamentada na Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986, Hayes, 1989), teoria que apresentamos brevemente a seguir.

A Fonologia Prosódica é uma teoria sobre a interface entre a estrutura sintática e a estrutura fonológica. Essa teoria considera que as regras fonológicas não têm acesso direto à estrutura sintática, mas que essa relação é intermediada por uma representação estruturada em constituintes, a representação prosódica (ver Bisol, 2001, cap. 6). A Fonologia Prosódica pressupõe a existência dos seguintes constituintes prosódicos:

(8)

Sílaba	$\sigma$
Pé	$\Sigma$
Palavra fonológica (ou prosódica)	W ou $\omega$
Grupo clítico	C
Frase fonológica	$\phi$
Frase entoacional	I
Enunciado	U

Esta estrutura prosódica é obtida através de uma série de regras de mapeamento que a derivam da estrutura morfossintática. A necessidade dessa estrutura prosódica, derivada da estrutura morfossintática, mas não idêntica a ela, surge da constatação de que, freqüentemente, não se pode caracterizar satisfatoriamente o domínio de aplicação de uma regra fonológica fazendo referência a constituintes morfossintáticos somente. Ou seja, não há um isomorfismo entre estrutura morfológico-sintática e a estrutura exigida para a aplicação apropriada das regras fonológicas.

Como chama a atenção Booij (1988, p. 523), a hierarquia prosódica proposta em Nespor e Vogel (1986) pode ser dividida em três subgrupos de constituintes:

- sílaba, pé, palavra fonológica;
- grupo clítico, frase fonológica;
- frase entoacional, enunciado.

A estrutura prosódica dos constituintes do grupo (a) depende de informação morfológica, diretamente (a palavra fonológica) ou indiretamente (sílaba, pé). A estrutura prosódica do grupo (b) depende da estrutura sintática e da diferença entre categorias lexicais (por exemplo, palavras funcionais vs. lexicais). A estrutura prosódica dos constituintes do grupo (c) depende de outros tipos de informação: fonética, semântica e/ou pragmática.

Não nos deteremos aqui no detalhamento dos constituintes do grupo (a). Embora o contexto fronteira de palavra prosódica seja relevante para a nossa análise, não nos deteremos na definição desse constituinte por que a nossa análise toma como alvo as laterais em final de palavra morfológica e consideramos para fins deste trabalho que, em português, a fronteira direita de uma palavra morfológica coincide sempre com a fronteira de uma palavra prosódica.

Os constituintes dos outros dois grupos serão caracterizados rapidamente, com o objetivo de estabelecer um contexto para os objetivos e hipóteses apresentados na seção seguinte.

## O grupo clítico

Segundo Bisol (2001, p. 234), os clíticos poderiam constituir com a palavra prosódica adjacente uma só unidade. Nesse caso, o clítico se comporta como uma sílaba pretônica. É o que propõe Câmara Jr. (1979).

(9) [(que) (Deus)]<sub>o</sub> [(te) (ensine)]<sub>o</sub> [(a) (lição)]<sub>o</sub>

Outra alternativa é que os clíticos constituam um grupo clítico com a palavra adjacente, apresentando assim certa independência em relação à palavra prosódica seguinte. Bisol (2001) argumenta que esta segunda análise – mas não a primeira – explica alguns comportamentos característicos desses clíticos (redução vocálica, possibilidade de aplicação de processos de sândi).

(10) [(que) (Deus)]<sub>c</sub> [(te) (ensine)]<sub>c</sub> [(a) (lição)]<sub>o</sub>c

No presente trabalho, o grupo clítico não é necessário para a análise (i.e., não há clíticos terminados em lateral), portanto, ficaremos com a primeira interpretação, o clítico será analisado como sílaba pretônica. São analisados como clíticos as formas abaixo, conforme Vigário (1999, p.256):

(11)

a. a, com, de, em, por (e as contrações com artigos)	preposições
b. o(s), a(s)	artigos definidos
c. me, te, se, lhe(s), nos, vos, o(s) a(s)	pronomes pessoais
d. e, ou, mas	conjunções
e. que, se, de, em, por, a	complementizadores

Outras formas, de *status* menos definido conforme Vigário (1999), como o pronome relativo “que”, o artigo indefinido “um” e a conjunção “nem” e outras foram também analisadas como clíticos, quando não estivessem em posição de acento frasal.<sup>10</sup>

## Frase fonológica

A frase fonológica é definida da seguinte forma (Nespor e Vogel, 1986, Bisol, 2001):

<sup>10</sup> Diferentemente de Vigário, porém, não adotaremos a tese de que os clíticos formam com a palavra prosódica adjacente uma estrutura recursiva.

- (i) domínio: o domínio de  $\phi$  consiste de um C que contém uma cabeça lexical (X) e todos os C's de seu lado não recursivo até o C que contém outra cabeça que esteja fora da projeção máxima de X.
- (ii) construção de  $\phi$ : junte em um  $\phi$  de ramificação n-ária todos os C's incluídos em uma sequência delimitada pela definição de domínio de  $\phi$ .

Por exemplo, a seguinte estrutura prosódica é atribuída ao texto abaixo, da canção “Pandeiro de Prata”, de Túlio Piva:

(12) [(ele)]<sub>o</sub> [(nasceu)]<sub>o</sub> [(no morro)]<sub>o</sub> [(não sabe)]<sub>o</sub> [(nem)]<sub>o</sub> [(em que data)]<sub>o</sub> [(até)]<sub>o</sub> [(pensava)]<sub>o</sub> [(que a lua)]<sub>o</sub> [(pendurada)]<sub>o</sub> [(no céu)]<sub>o</sub> [(fosse)]<sub>o</sub> [(um pandeiro)]<sub>o</sub> [(de prata)]<sub>o</sub>

O lado recursivo é considerado em português (bem como em outras línguas, como o italiano e o francês) o lado direito.

A teoria prevê a possibilidade de que duas frases fonológicas sejam reestruturadas em determinadas condições, para dar conta de processos cujo domínio de aplicação alarga-se sob certas circunstâncias (por exemplo, *Raddoppiamento Syntattico* em italiano). Em caso não marcado, um complemento<sup>11</sup> não ramificado<sup>12</sup> será adjungido à frase fonológica que contém o seu núcleo. Conforme a literatura, o tipo de reestruturação encontrado em italiano e inglês também está disponível para o português brasileiro. Ilustramos esse tipo de reestruturação em (5) abaixo.<sup>13</sup>

(13) [(nasceu)]<sub>o</sub> [(no morro)]<sub>o</sub> [(até)]<sub>o</sub> [(pensava)]<sub>o</sub> [(que a lua)]<sub>o</sub> [(pendurada)]<sub>o</sub> [(no céu)]<sub>o</sub> [(um pandeiro)]<sub>o</sub> [(de prata)]<sub>o</sub>

<sup>11</sup> “Complemento” aqui não deve ser entendido como equivalente ao termo que é usado em nossas gramáticas normativas, distinto de “adjunto”.

<sup>12</sup> Como observa Hayes (1989, p. 214), Nespor e Vogel (1986) não especificam o que significa ser “não-ramificado”. Entendemos aqui que “não-ramificado” é um complemento não constituído por mais de uma palavra prosódica.

<sup>13</sup> Atenção especial deve ser dada aqui ao caso da sequência *fosse um pandeiro de prata*. Nesta sequência, o complemento *de prata* pode ser integrado à frase fonológica precedente, mas o conjunto resultante não pode ser integrado à frase fonológica constituída por *fosse*, pois isso implicaria a adjunção de um complemento ramificado. O mesmo vale para explicar a não reestruturação entre [(não sabe)]<sub>o</sub> e [(nem)]<sub>o</sub> (em que data)]<sub>o</sub>, (a menos que se considere *nem* um proclítico).

Deve-se estabelecer aqui uma distinção clara entre ressilabação e reestruturação de constituintes prosódicos. Peperkamp (1997) explicita que a ressilabação que ocorre na fronteira entre duas palavras prosódicas não significa que as duas palavras prosódicas foram reestruturadas numa só, uma vez que a seqüência continua contendo dois acentos primários. No entendimento de Peperkamp, os limites da palavra fonológica são reajustados, de forma que a consoante ressilabada se torne parte integrante da palavra fonológica seguinte. A reestruturação, por sua vez, ocorre entre dois constituintes prosódicos, por exemplo, duas frases fonológicas, como vimos acima. Essa reestruturação pode criar as condições para a ressilabação se aplicar, mas não acarreta necessariamente uma ressilabação.

Por fim, cabe uma observação a respeito dos compostos. Quando não são formações antigas, há muito lexicalizadas, que freqüentemente formam uma palavra fonológica só, os compostos constituem frases fonológicas (Peperkamp, 1997). Entretanto, cabe verificar se as fronteiras internas ao composto não constituem um caso especial no que se refere a regras de juntura (dado que Vigário 2003 propõe que as palavras compostas constituam uma unidade especial, a palavra prosódica máxima, intermediária entre a palavra prosódica e a frase fonológica).

#### A frase entoacional

A frase entoacional consiste – em geral – em várias frases fonológicas. Seu tamanho é variável e depende da estrutura sintática, do tamanho dos constituintes, do estilo de fala e de fatores pragmáticos. Portanto, ela difere da frase fonológica que é definida somente com referência a propriedades sintáticas. A frase entoacional é o domínio abarcado pelos contornos entonacionais e delimita a aplicação de determinadas regras segmentais.

Conforme Elordieta, Frota e Vigário (2004, p.361-365), a frase entoacional no português europeu, em caso não marcado, abarca os constituintes S(ujeito)-V(erbo)-O(bjeto) da oração. Apenas quando S(ujeito) for muito longo e ramificado é que ele forma uma frase entoacional própria. Por outro lado, O(bjeto)s, mesmo longos e ramificados, em geral não se separam dos contornos entoacional que engloba também o verbo. Inserções parentéticas, vocativos e apostos, orações topicalizadas, orações relativas não-restritivas, marcadores discursivos e hesitações, todavia, produzem rupturas nesse conjunto, o que é sinalizado por mudanças bruscas no contorno entoacional, alongamentos de vogais, mudanças na velocidade de fala, etc. conforme Tenani (2002).

#### O enunciado

O enunciado consiste em uma ou mais frases entonacionais, dentro do domínio  $X^n$ , normalmente, a sentença. Porém, o enunciado pode ser menor do que uma sentença plena, no sentido sintático, por exemplo, *As cinco* ou *Aqui perto*. Bisol (2001) constata que, no PB, as regras de elisão, degeminação e ditongação têm como domínio máximo o Enunciado.

Embora a teoria da fonologia prosódica tenha merecido consideração por parte de muitas pesquisas em fonologia, a própria universalidade de constituintes como a frase fonológica não está totalmente atestada. Particularmente, para o português brasileiro, tem sido atestada a necessidade de reconhecer constituintes como a sílaba, a palavra prosódica e o grupo clítico. Entretanto, faltam ainda evidências mais definitivas para a existência de fronteiras de frase fonológica como limitadores de processos fonológicos. Nesse sentido, a presente pesquisa insere a sua contribuição.

Em resumo, a questão que vamos abordar aqui é a seguinte: quais são as fronteiras que permitem a ressilabação? Formulada de outra maneira, a questão se desdobra nas seguintes:

- O que ocorre quando há fronteira entre palavras prosódicas dentro da mesma frase fonológica?
- O que ocorre quando há fronteira entre palavras prosódicas pertencentes a frases fonológicas diferentes?
- O que ocorre nas fronteiras entre constituintes prosódicos maiores: frase entoacional, enunciado?

Na seção seguinte, explicitaremos os objetivos da pesquisa aqui delineada e as hipóteses que norteiam o levantamento de dados.

#### 4 Hipóteses

Nos casos como os de (4), em que uma palavra terminada em lateral alveolar é seguida por uma palavra iniciada por vogal, encontra-se o contexto esperado para a ressilabação, o que implica o surgimento da configuração silábica ilustrada em (4b).

- (14) a. Contexto de ressilabação:      b. Resultado da ressilabação:  
 (a)<sub>o</sub> .(ni)<sub>o</sub> .(mal)<sub>o</sub> (ε)<sub>o</sub> .(ra)<sub>o</sub>      (a)<sub>o</sub> .(ni)<sub>o</sub> .(ma)<sub>o</sub> (lɾ)<sub>o</sub> .(ra)<sub>o</sub>

Ao iniciarmos o nosso estudo, esperávamos que a ressilabação fosse obrigatória no interior da frase fonológica e opcional nas fronteiras entre frases fonológicas pertencentes à mesma frase entoacional. Esperávamos também que a ressilabação fosse proibida na fronteira entre diferentes enunciados.

Em outras palavras, tínhamos como hipótese que:

- I. a aplicação de ressilabação fosse *alta* na fronteira entre palavras prosódicas pertencentes à mesma frase fonológica;
- II. a aplicação de ressilabação fosse *possível* na fronteira entre frases fonológicas, quando essas frases fonológicas estivessem contidas na mesma frase entoacional;
- III. a aplicação de ressilabação fosse *proibida* sobre fronteiras de enunciado.

O objetivo principal da investigação é verificar se os dados da fala registrados no Banco VARSUL confirmam essas hipóteses. Associados a este objetivo estão os de verificar se a realização do /l/ fornece evidência para a existência dos constituintes prosódicos maiores em português e de fornecer dados para a compreensão do fenômeno de ressilabação em português.

## 5 Análise

Apresentamos nessa seção um estudo sobre a ressilabação da lateral pós-vocálica no português do Sul do Brasil. Consideramos em nossa análise 12 informantes com escolaridade superior da amostra do projeto VARSUL. A metodologia e os resultados desse estudo são apresentados nas seções seguintes. Antes, porém, de passarmos a essas questões metodológicas, levantamos algumas dificuldades oriundas do tipo de análise que propomos.

Muitos dos estudos de fenômenos que ocorrem no âmbito da fonologia prosódica são baseados em experimentos nos quais o informante lê sentenças previamente determinadas para um certo propósito. Além da vantagem de esses experimentos basearem-se em *inputs* previamente divididos em constituintes prosódicos, há a possibilidade de controlar a variabilidade da performance.

Em nosso estudo, os dados são provenientes da fala casual, ou seja, não foram coletados especificamente para esse estudo. Assim, no que se refere a pontos em que a teoria é obscura, nós teremos que tomar algumas decisões analíticas na escansão dos domínios prosódicos, que serão explicitadas ao longo da análise.

Outra dificuldade da análise de fala casual é que não é possível fazer comparações entre conjuntos equivalentes em número de ocorrências para cada contexto prosódico. Pensamos, contudo, que esse ponto negativo não invalida nossa interpretação, feita a partir dos resultados obtidos pelo pacote VARBRUL.

Por outro lado, há vantagens de se analisar a fala casual. A mais óbvia é o foco na língua atual. Outra vantagem é que a pesquisa não é restrita a um ou dois indivíduos mas abarca um grupo de falantes que pode revelar algum padrão não esperado. Sem dúvida, esse tipo de estudo pode ser complementado por outros, com *inputs* mais controlados. Fica aqui registrada, portanto, a necessidade de pesquisas futuras desse teor.

### 5.1 Metodologia

#### 5.1.1 Os dados

As doze entrevistas extraídas do Projeto VARSUL foram divididas como segue, considerando as variáveis *sexo* e *idade*. Nossa amostra restringe-se a informantes com 3º grau completo. As células sociais são apresentadas em (15).

(15)

<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
Faixa etária 1: INFO 37 (25 anos) INFO 36 (31 anos)	Faixa etária 1: INFO 34 (28 anos) INFO 32 (31 anos)
Faixa etária 2: INFO 29 (54 anos) INFO 39 (59 anos)	Faixa etária 2: INFO 31 (34 anos) INFO 38 (52 anos)
Faixa etária 3: INFO 51 (71 anos) INFO 50 (73 anos)	Faixa etária 3: INFO 41 (64 anos) INFO 49 (75 anos)

#### 5.1.2 Análises estatísticas anteriores

As ocorrências com lateral em final de palavra foram submetidas à análise estatística promovida pelo pacote VARBRUL. Para definição das variáveis consideradas neste estudo, tomamos como ponto de partida os resultados da pesquisa de Costa, 2003. Apresentamos rapidamente as variáveis e os resultados desse estudo, a fim de justificarmos os procedimentos tomados para análise da ressilabação. Costa (2003) estudou a vocalização da lateral pós-vocálica (tanto no interior do vocábulo quanto na fronteira) na amostra acima. Além das variáveis sociais *sexo* e *idade*, a autora considerou as seguintes variáveis lingüísticas:

(16)

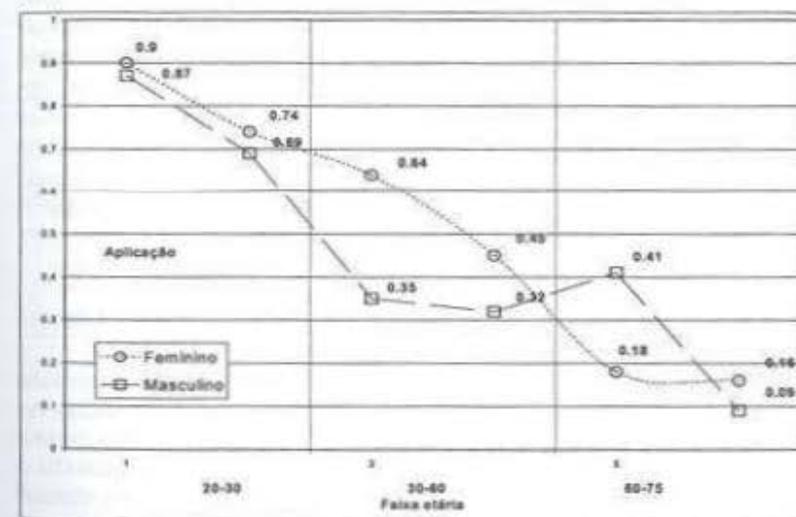
Grupos de fatores	Fatores	Exemplos
Variável dependente	Vocalização	ca[w]ço
	Não-vocalização <sup>14</sup>	ca[ɰ]ma ou ca[l]ma
Contexto seguinte	Vogal anterior alta	filme
	Vogal anterior média	lamentavelmente
	Vogal baixa	alguma
	Vogal posterior média	bolsa
	Vogal posterior alta	cultura
Contexto seguinte	Oclusiva labial	albergue
	Nasal labial	alma
	Fricativa labiodental	envolvida
	Fricativa alveolar	hospitalzinho
	Oclusiva alveolar	faculdade
	Nasal alveolar	Normal não...
	Fricativa palatal	nostalgia
	Oclusiva velar	folgado
	Pausa	
	Vogal	qual é...
Acento	Sílabas tônicas	aluguel
	Sílabas pré-tônicas	calçada
	Sílabas pós-tônicas	horrível
	Monossílabo	mal
Fronteira morfológica	Interior de morfema lexical	calça
	Fronteira de morfema	oralmente
	Fronteira de palavra (raiz)	Portugal
	Fronteira de palavra (sufixo)	mundial
Categoria gramatical	Nome	hospital
	Verbo	acalmar
	Outros	mal

<sup>14</sup> Este grupo contém as pronúncias [l] e [ɰ].

Costa (2003) encontrou 1742 ocorrências que foram submetidas à análise pelo pacote VARBRUL. A vocalização mostrou-se quase categórica nesta amostra, com peso relativo de 0,98. As variáveis selecionadas pelo *step up* foram *idade*, *contexto seguinte* e *contexto anterior*.

O gráfico seguinte, extraído do estudo de Costa, mostra a relação entre a idade dos informantes e o processo de vocalização. Neste gráfico é possível visualizarmos a probabilidade (em peso relativo) de vocalização com relação a cada informante individualmente. O gráfico mostra a correlação entre a variável idade e a aplicação do processo. Os informantes estão ordenados horizontalmente com relação à faixa etária. O gráfico revela o aumento do uso da semivogal nas gerações mais jovens.

(17)



O estudo de Costa (2003) mostra que o grau de vocalização é bastante alto, quase categórico nos informantes mais jovens da amostra.

Também se observa que o fato de haver uma vogal seguinte à lateral em fronteira de palavra desfavorece a vocalização, o que pode ser explicado a partir da possibilidade de ressilabação. Mesmo aqueles informantes que mostraram alta taxa de vocalização, apresentaram, contudo, uso significativamente menor dessa variante quando a ressilabação era possível.

O mesmo estudo confirma que a vocalização de /l/ tem características de regra pós-lexical (Kiparsky, 1988, Labov, 1994): é foneticamente previsível, não tem condicionamento gramatical, não tem exceções, é foneticamente natural, pode ser entendida como uma mudança de nível de consciência social baixo. Além disso, os processos que afetam /l/ produzem *outputs* gradientes. Portanto, parece estamos diante de um verdadeiro fenômeno do âmbito da fonologia frasal.

Em nosso estudo, consideramos essa mesma amostra. Limitamo-nos, no entanto, às ocorrências com a lateral em fronteira de palavra. A primeira análise das 835 ocorrências com a lateral em fronteira de palavra revelou que a preservação da lateral alveolar é condicionada pelo contexto seguinte. Destaque-se a diferença entre esta análise e as anteriores: para a variável dependente, passamos a considerar valor de aplicação a realização da variante lateral alveolar (que, no nosso entendimento, indica a existência de ressilabação, como já esclarecemos anteriormente). A tabela abaixo mostra que a preservação de [l] ocorre quando temos uma vogal seguinte ao segmento lateral.

#### (18) Preservação de [l] e contexto seguinte

	<i>App/Total</i>	%	<i>Peso Rel.</i>
Pausa	0/267	0%	-
Consoante	1/363	0%	0,10
# vogal	74/200	35%	0,98

É importante lembrar que o fator *pausa* teve que ser eliminado da rodada por apresentar *knockout*: em todas as 267 ocorrências na amostra, a lateral foi vocalizada quando seguida por uma pausa perceptível ao ouvinte. Segundo os resultados da tabela, quando o segmento seguinte à lateral em fronteira de palavra é uma consoante, a probabilidade de haver a preservação da lateral alveolar é baixa. Ao contrário, quando esse segmento é uma vogal, a preservação da lateral alveolar é quase categórica, considerando o peso relativo de 0,98.

Disso se pode concluir que, em fronteira de palavra seguida por uma vogal, geralmente há preservação da lateral alveolar e, conseqüentemente, ressilabação, que faz com que [l] passe para a posição de *onset* silábico. Esse resultado também pode ser comparado ao de Quédnu (1993). Conforme mostramos anteriormente, a autora constatou que, quando à lateral segue-se um segmento vocá-

lico, há menos probabilidade de aplicação da regra que vocaliza a lateral em coda (peso relativo de 0,22)<sup>15</sup>. Concluímos, portanto, que a preservação e/ou vocalização da lateral pós-vocálica é sensível ao contexto seguinte.

#### 5.1.3 Análise propriamente dita

Partindo desses resultados, limitamos nossa amostra aos dados com lateral seguida de vogal, para saber, nesses casos, se há correlação entre o tipo de fronteira de constituinte prosódico e a ressilabação (refletida na preservação da lateral). Submetemos as 200 ocorrências com contexto para ressilabação, ou seja, aquelas onde a lateral estava em final de palavra seguida de um segmento vocálico, a nova análise pelo pacote VARBRUL. Para tanto, consideramos as seguintes variáveis para análise:

(19)

<i>Grupo de fatores</i>	<i>Fatores individuais</i>	<i>Exemplo</i>
Variável dependente	Lateral alveolar (ressilabação) Outras variantes (não ressilabação)	
Contexto precedente	Vogal não-posterior alta Vogal média anterior Vogal média posterior Vogal baixa Vogal posterior alta	Difícil Provável, papel Futebol Alguma Sul
Acento	Sílabo tônica seguida por tônica Sílabo tônica seguida por átona Sílabo átona seguida por tônica Sílabo átona seguida por átona Monossílabo	... pessoal ia... ...ideal existe... ...difícil era... ...possível entendeu? ...qual é o motivo... ... o mal existe.
Fronteira prosódica	Entre palavras prosódicas Entre frases fonológicas (domínio I) Entre frases entonacionais (domínio de U) Entre enunciados	...pra Portugal e Espanha. O bonde normal era com 4 portas. O pessoal eu acho que vinha mal... ... pessoal, é aquela história...

<sup>15</sup> Vale lembrar que, nesse caso, a lateral só pode estar em fronteira de palavra, pois, em Português, a afixação de um sufixo que inicia por vogal a um radical terminado por /l/ faz com que a lateral assumira a posição de *onset* (jornal + -etro → *jor.na.lei.ro*).

Também foram consideradas nesta análise as variáveis sociais *sexo e idade*. Na rodada, apenas o grupo *contexto precedente* foi eliminado pelo *step down*. Todas as outras variáveis *acento, fronteira prosódica, idade e sexo* foram selecionadas pelo *step up*. Na tabela abaixo, apresentamos os resultados para as duas primeiras.

(20)

Grupo de fatores	Fatores individuais	Ap/total	Percentual	Peso relativo
Variável dependente	Lateral alveolar (ressilabação)	74/193	30%	0,39
Acento	Monossílabo seguido por sílaba tônica	24/27	89%	0,93
	Monossílabo seguido por sílaba átona	08/26	34%	0,50
	Sílaba tônica seguida por sílaba tônica	14/35	40%	0,48
	Sílaba tônica seguida por sílaba átona	22/75	29%	0,41
	Sílaba átona seguida por sílaba átona	05/19	26%	0,41
Fronteira prosódica	Sílaba átona seguida por sílaba tônica	01/11	09%	0,06
	Entre palavras prosódicas	18/25	72%	0,81
	Entre frases fonológicas (domínio I)	37/81	46%	0,61
	Entre frases entonacionais (domínio de U)	23/147	22%	0,30

Quanto ao *acento*, podemos observar três padrões distintos: I) a ressilabação parece ser favorecida quando a palavra é um monossílabo; II) a tonicidade da sílaba que precede o /l/ (isto é, a sílaba que contém o /l/ em coda na representação lexical) não parece exercer papel no processo, embora possamos supor uma tendência a que ambientes não acentuados favoreçam a vocalização; III) em geral, quando a lateral for seguida por uma sílaba tônica, a ressilabação é favorecida. Esse resultado converge com um padrão observado em outras línguas de que sílabas tônicas como que atraem segmentos. Esses resultados sugerem que o acento não exerce papel sozinho, mas está combinado a outros fatores de caráter prosódico.

Mais nítidos são os resultados para o grupo de fatores *fronteira prosódica*. Em primeiro lugar, o fator *enunciado* não pôde ser rodado pelo VARBRUL porque apresentou *knockout*: em nenhuma das 7 ocorrências houve ressilabação. Isso confirma a nossa hipótese de que nesses casos a ressilabação não se aplicaria. Abaixo, apresentamos um exemplo desse tipo de ocorrência.

(21)

"Essas coisas assim que eu achava legal. O curso é superbom".  
(POA 36: 0686)

Quanto aos demais domínios, a fronteira entre palavra prosódica foi a que apresentou maior probabilidade de ressilabação (0,81). É importante ressaltar que, nesse contexto, foram considerados casos em que a) as palavras prosódicas comportavam-se como uma palavra composta e b) as palavras prosódicas estavam no domínio da frase fonológica. Em I apresentamos o primeiro caso e em II o segundo.

(22)

- Na época, bailes no [[Mil] [e Uma noites]], não sei se vocês conhecem.
- Só perguntava [[qual][é]].
- A matrícula era [[mi] [e pouco]].
- Poderia ser empresa privada, (...) [[um hospital] [e uma cooperativa]].

Para esses casos, prevíamos que a ressilabação ocorresse, sanando a vocalização. É interessante observar que os falantes que apresentam uma taxa de vocalização alta, como o informante POA31,<sup>16</sup> preservam a lateral alveolar neste contexto. A ocorrência a apresentada acima em I faz parte da amostra deste informante.

Taxa menor de ressilabação é observada na fronteira entre frases fonológicas (0,61). Nesse contexto, o informante POA31 também mantém a lateral alveolar. A ocorrência abaixo foi extraída da amostra desse falante.

(23)

vai sair o reingresso aí [no jornal] ou ] (pausa) etc.

Incluem-se aqui várias ocorrências, como *legal assim* (pausa) ou *difícil aí* (pausa), que contêm um marcador discursivo seguido de uma pausa. Em geral, marcadores discursivos constituem uma frase entoacional própria, o que significaria que tivéssemos uma fronteira de frase entoacional precedendo os marcadores nas seqüências mencionadas. Entretanto, o que observamos é que, em casos como estes, quando o marcador ocorre no final da sentença, não há uma entoação própria para o marcador, nem há pausa ou mudança de altura tonal, ou qualquer outra alteração segmental indicativa de fronteira de frase entoacional. Baseados na literatura

<sup>16</sup> Como visto no quadro apresentado na seção 5.1.1, este informante faz parte da faba etária 2 (idade entre 30 e 50 anos).

sobre marcadores discursivos no PB (Silva, 1999), interpretamos estas seqüências como pertencentes à mesma frase entoacional da palavra que contém o /l/ em coda, mas não à mesma frase fonológica.

Nas fronteiras entre frases entonacionais, a taxa de ressilabação é baixa (0,30). Os resultados confirmam, portanto, as nossas expectativas. Entretanto, cabe reconhecer que o número de dados em que se baseia a análise estatística é bastante baixo o que poderia nos levar a suspeitar dos nossos resultados. Entretanto, uma observação por informante corrobora os resultados encontrados para o grupo.

Consideremos, em detalhe, os dados de alguns informantes, começando pelo informante POA31, já mencionado acima.

Diferentemente da ocorrência apresentada em (23), outras três ocorrências com o mesmo contexto foram vocalizadas por ele, o que indica variabilidade de realização no contexto fronteira de frase fonológica. Nas demais ocorrências deste informante, a lateral estava em fronteira de frase entoacional e/ou fronteira de enunciado. Nesses dados, este falante produziu categoricamente [w] ao invés de [l], mantendo, portanto, esse segmento na posição de coda silábica. Os exemplos em (24) referem-se à fronteira de frase entoacional e em V à fronteira de enunciado.

(24)

- a) ...sempre esse lado social]] [ eu sempre gostei...
- b) [Em Natal ][eu fiquei num albergue.
- c) ... não é fácil]] [ Então aí, tá, daí eu fui....
- d) ...dez anos no banco Meridional]] [Aí esse ano...

Em síntese, das 18 ocorrências do informante POA31, apenas 2 apresentaram lateral alveolar, justamente aquelas que se referiam às fronteiras prosódicas que apresentam alta probabilidade de ressilabação. Assim, constata-se que esse informante apresenta ressilabação em contextos internos à frase fonológica; apresenta variabilidade de realização nas fronteiras entre frases fonológicas; e vocaliza a lateral nas fronteiras entre frases entonacionais e enunciados (9 ocorrências com /l/ em fronteira de frase entoacional e 4 ocorrências com /l/ em fronteira de enunciado).

O informante POA41 apresenta uma amostra de 15 ocorrências, dentre as quais 3 se referem à fronteira de palavra prosódica, 3 se referem à fronteira de frase fonológica, 7 se referem à fronteira de frase entoacional e 2 se referem à fronteira de enunciado. Algumas dessas ocorrências são apresentadas abaixo.

(25)

- a) Voltamos [pra Portugal e Espanha].
- b) Então [[o pessoal ] [ia]...
- c) Mas o pessoal ] [ ao mesmo tempo dizia...
- d) Olha, é que o pessoal] [ é aquela história quando chega em casa...

Em casos como *a* – fronteira de palavra prosódica – e *b* – fronteira de frase fonológica – houve categoricamente a ressilabação. Já exemplos como *c* – fronteira de frase entoacional – e *d* – fronteira de enunciado – não foram ressilabados. Cabe ressaltar que ocorrências como *e*, apresentada abaixo, foram ressilabadas por informantes como POA41, e merecem um pequeno comentário.

(26)

...diziam que não tinham ouvido o sinal e tal e queriam era terminar o joguinho de bola.

Embora tenhamos tratado este caso como fronteira de frase entoacional, há trabalhos que apontam que marcadores discursivos expansores, como *e tal, coisa e tal, tal e coisa*, não apresentam curva entoacional própria nem são encontradas pausas anteriores (Silva, 1999, p. 321). Como vimos em nossos resultados, o peso relativo de ressilabação entre fronteira de frase entoacional é baixo (0,31). Tendo em vista as considerações acima, esses casos poderão ser reanalisados como contextos internos a uma frase entoacional, o que poderá explicar a probabilidade de ressilabação em ocorrências que contêm formas deste tipo, como as apresentadas abaixo:

ouvido o sinal e tal e ---POA 41

E dizia pra não incomodar ela e tal e a princesa ---POA 32

Ao lado das variáveis lingüísticas, variáveis sociais também foram selecionadas pelo programa estatístico. Os resultados quanto a *sexo* e *idade* são apresentados na tabela a seguir.

(27)

Grupo de fatores	Fatores individuais	Ap/total	Percentual	Peso relativo
Idade	Faixa etária 3 (60-70 anos)	29/41	71%	0,84
	Faixa etária 2 (30-60 anos)	36/62	43%	0,78
	Faixa etária 1 (20-30 anos)	09/90	10%	0,16
Sexo	Masculino	53/104	51%	0,64
	Feminino	21/89	24%	0,34

Segundo a tabela 3, a faixa etária dos mais velhos é a que mais apresenta a lateral alveolar, ao passo que a faixa dos mais novos quase não a apresenta. Quanto à variável sexo, para a qual não tínhamos nenhuma expectativa, os resultados mostram que a lateral alveolar ocorre mais frequentemente na fala dos homens do que na das mulheres. Estes resultados convergem com os encontrados para a amostra de Porto Alegre da década de 70 (conforme Leite, Callou e Moraes, 2003, p. 236) e com os resultados gerais apresentados por Tasca (1999). Na pesquisa da autora, o sexo masculino preserva mais o segmento lateral (0,64) do que o feminino (0,30). Interpretamos que esses resultados apenas confirmam as diferenças entre grupos lingüísticos quanto à idade e quanto ao sexo no que se refere à taxa geral de emprego da variante lateral alveolar. Eles não mostram, no nosso entender, que mulheres e falantes mais jovens ressilabam menos ou tratam os contextos prosódicos de forma distinta dos homens e dos falantes mais velhos respectivamente.

A justificativa para esse entendimento encontra-se em rodada adicional que fizemos, considerando *informante* como variável extralingüística (excluindo, evidentemente as variáveis *sexo* e *idade*). O gráfico abaixo nos possibilita uma visão panorâmica quanto à taxa de ressilabação, considerando cada informante individualmente.

(28)



Os seis primeiros informantes (1-6) são do sexo masculino, organizados em ordem crescente de idade. Os outros seis (6-12) são do sexo feminino, também em ordem de idade.

Com relação ao comportamento individual de cada informante, de uma forma geral, coadunam-se grupo e indivíduo. Não há discrepância entre indivíduos no que se refere ao domínio prosódico em que o processo de ressilabação menos se aplica, a fronteira entre frases entonacionais. Quanto à fronteira de frase fonológica e à fronteira de palavra prosódica, domínios que favorecem a ressilabação, há também uma relação constante, quebrada apenas nos informantes 2 e 8, o que, como já exemplificado para o informante POA31 (o informante número 8 no gráfico), deve-se principalmente à distribuição de dados.

A partir desse gráfico podemos concluir que os informantes, tanto homens quanto mulheres, tanto velhos quanto jovens, apresentam um padrão semelhante no que concerne ao tratamento domínios prosódicos.

## 6 Considerações finais

De um modo geral, as hipóteses levantadas quanto à ressilabação da lateral em níveis prosódicos distintos foram confirmadas. Entre fronteira de enunciado não há nenhum caso de ressilabação, o que parece confirmar a hipótese de que nesse contexto esse processo é proibido. Já entre fronteira de frase entoacional a aplicação de ressilabação é baixa, mas possível (0,30). A ressilabação é bastante favorecida em fronteira de frase fonológica e principalmente em fronteira de palavra prosódica (0,81).

Outras variáveis também mostraram-se significativas neste trabalho. Como vimos, quanto ao acento, há mais probabilidade de a ressilabação ocorrer em direção a sílabas acentuadas, o que sugere que acento atraia estrutura silábica, ou, talvez que sílabas acentuadas tenham uma exigência maior de serem iniciadas por consoante do que sílabas átonas iniciais. A ressilabação também é favorecida quando a palavra que contém o /l/ é um monossílabo, o que pode sugerir que, nestes casos, a ressilabação seja sempre preferida.

Com relação às variáveis sociais, idade e sexo mostraram-se significativas no que se refere ao emprego da lateral alveolar, mas não em relação ao processo de ressilabação, que parece receber tratamento igual por todos os informantes. Ainda que a taxa de vocalização de alguns seja maior do que a de outros, os informantes respeitam da mesma forma as fronteiras de domínios prosódicos.

Esses resultados, somados à discussão proposta por Costa (2003), confirmam o caráter pós-lexical do fenômeno da vocalização. O fato de que em um contexto menor – entre palavra prosódica – há mais probabilidade de ressilabação, ou seja, há mais probabilidade de a lateral alveolar permanecer nesse contexto, indica que a vocalização não está ainda lexicalizada, mesmo na gramática daqueles falantes mais jovens que produzem quase categoricamente a semivogal. Além disso, a variação entre ressilabação e vocalização em fronteira de frase fonológica também nos leva a acreditar que estamos diante de um fenômeno pós-lexical.

## Referências

- ALTENHOFEN, C. V. et al. *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* – v. 2: *Cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Editora da UFPR; Editora da UFSC, 2002.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado* – v. 7: *Novos Estudos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 701-742.
- . Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRESCANCINI, C. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2002.
- CAMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

- CHAMBERS, TRUDGILL; SCHILLING-ESTES. *The Handbook of Language Variation and Change*. London: Blackwell
- CLEMENTS, N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The handbook of phonological theory*. London: Blackwell.
- COSTA, C. F. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ou/ e vocalização de /l/ no PB*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 2, p. 31-44, 1998.
- ELORDIETA, G.; FROTA, S.; VIGÁRIO, M. *Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese*. Ms. 2004
- ESPIGA, J. *O Português dos Campos Neutrais. Um estudo sociolingüístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuf e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUCRS, 2001.
- FROTA, S. On the prosody of intonation and focus in European Portuguese. In: Morales e Front. *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1997. p. 359-392.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. On the correlates of rhythmic distinctions: The European/Brazilian Portuguese case. *Probus*, n. 13, p. 247-275, 2001.
- HAYES, B. The Prosodic Hierarchy in Meter. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. eds. *Rhythm and Meter*. Orlando: Academic Press, 1989
- KIPARSKY, P. Phonological change. In: NEWMAYER, F. *Linguistics: the Cambridge Survey*. Cambridge: CUP, 1988. v. 1.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LEITE, Y. F.; CALLOU, D. M. I.; MORAES, J. A. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Teoria Lingüística. Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2003. p. 232-250.
- LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. Los Angeles: University of California, Ann Harbor. University Microfilms International, 1979. Tese (Doutorado) – University of California, 1979.
- MONARETTO, V.; QUEDNAU, L.; HORA, D. da. As consoantes do português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. (1986). *La prosodia*. Tradução de Ana Ardid Gumiel. Madrid: Visor, 1994.
- OLIVEIRA, M. A.; CRISTÓFARO-SILVA, T. Variação do "r" pós-consonantal no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cislo primária. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 37, n. 1, p. 25-47, 2002.
- PEPERKAMP, S. *Prosodic Words*. Den Haag: Holland Academic Graphics, 1997.

QUEDNAU, L. (1993). A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, UFRGS. In: LEFFA, V. (ed.) (2000) *TELA. Textos em Linguística Aplicada*. Pelotas: Educat.

SANKOFF, D. (1988) Variable rule. In AMMON, U. ; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (eds.) *Sociolinguistics/Soziolinguistik*. Berlin: Walter de Gruyter

SILVA, G. M. de O. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In: NEVES, M. H. M (org.) *Gramática do Português Falado - v. 7 - Novos Estudos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 701-742.

TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS. Tese de doutorado. 1999.

———. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Ph.D. dissertation. Universidade Estadual de Campinas, 2002.

VIGÁRIO, M. n the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: HALL, T. A.; KLEINHENZ, U. (ed.). *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 254-294.

VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

WALSH, L. *The phonology of liquids*. University of Massachusetts Amherst. Ph.D dissertation. 1997.